

aos fatos espíritas que iniciaram a era cristã. Ainda não houve no mundo outro acontecimento tão importante como o nascimento do Cristianismo, e reconhecermos que tal nascimento foi produto de uma série de fenômenos espíritas que se produziram durante três anos consecutivos, numa colônia do Império Romano, significa elevar o Espiritismo à culminância que lhe pertence, como processo por excelência da Revelação Divina, de tudo que de mais alto e sublime o homem da Terra pode receber do Alto.

E' tão irrefletido quem nega mérito ao estudo desse ponto de nossa Doutrina, como aqueles outros que negam significação ao Espiritismo e ao Cristianismo.

As divergências de opiniões que determinam discussão, estudo, reflexão, sejam de natureza doutrinária ou de organização, não devem ser temidas, porque evitam estagnação e indiferença. Temer devemos só a padronização absoluta de uma ortodoxia indiscutível, porque seria a estagnação do pensamento, sua fossilização e improdutividade. A Igreja de Roma queimou seus hereges, colimando uma padronização perfeita; mas o que conseguiu foi descer sua literatura a tal mediocridade que seus fiéis não a lêem e se desinteressam de todos os temas religiosos.

Concluamos, pois, que nada existe mais digno de ser estudado, esclarecido e demonstrado a todos do que esse ponto de Doutrina que funde o Cristianismo com o Espiritismo, evidenciando que o Fundador do Cristianismo foi um Altíssimo e Poderosíssimo Espírito que se manifestou como um Agênero, materializando-se muitas vezes para cumprimento de sua missão, durante um período de três anos, conhecidos como a vida pública de Jesus de Nazaré.

Apêndice

DOCETISMO

por ZÊUS WANTUIL.

Os Dicionários e Enciclopédias assim definem o Docetismo: doutrina herética dos primeiros séculos do Cristianismo, variante do gnosticismo, e que consistia em ensinar a não realidade carnal do corpo de Jesus, não aceitando, por conseguinte, seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição, senão em aparência. Alguns estudiosos pensam ter sido Júlio Cassiano (1) o autor dessas ideias; contudo, isso não se pode provar por falta de dados positivos. Os seguidores dessa doutrina se denominavam docetas ou docetes (do grego *dókesis* — aparência) e professavam o mais puro monoteísmo.

Parece ter sido a primeira “heresia” cristã conhecida, pois S. Jerônimo, o autor da Vulga-

(1) Depois de composto este trabalho, tivemos a ventura de tomar parte numa reunião íntima com o médium Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, no dia 30 de Outubro de 1948. O médium nos descreveu a presença de um Espírito muito luminoso, de elevada esfera, que lhe deu o nome de Júlio Cassiano e manifestou sua aprovação pelas atividades de nosso jovem confrade, de quem disse ter sido instrutor no século segundo. Por lamentável falta de memória, nenhum de nós no momento se recordou do nome de Júlio Cassiano, que, nessa ocasião, já estava escrito e composto. — I. G. R.

camente a um ministério de instrução. Podemos observar, nesses ensinos, reflexos doutrinários atualmente incluídos no Espiritismo.

Santo Atanásio, ilustre doutor da Igreja grega, no seu tratado da "Encarnação do Verbo", apesar da ortodoxia não levar em consideração, sem motivo plausível, o seu pensamento, ensina que em Jesus não houve duas naturezas diferentes, conforme ficou firmado mais tarde nos Concílios de Éfeso (431), de Calcedônia (451) e de Constantinopla (680), e, sim, a única natureza divina encarnada; em outros termos, que a natureza humana não foi senão um instrumento para o Logos (Verbo). Assim professava a Escola de Alexandria, que fazia desaparecer, por conseguinte, em a natureza divina a natureza humana, reduzida esta, desse modo, a uma simples aparência ou a u'a matéria inerte. Em suma, tal Escola tinha a ideia dominante, de tendência platônica, de que do Deus Supremo havia saído uma inteligência perfeita, denominada Verbo, ou Espírito, que a sua elevada condição o tornava impossível unir-se à matéria ou revestir-se da natureza humana. Vêem-se também traços de Docetismo até na grande ortodoxia dogmática de S. João Damasceno.

A "heresia" em questão foi bem recebida pelos espíritos mais cultos e filosóficos, e uma das provas disso é a "Epístola de Santo Inácio

aos Esmirn'anos", no século I, na qual, referindo-se aos docetas, o bispo de Antioquia, condenando-a, diz: "Os poderes celestes, os anjos, os príncipes, sejam visíveis, sejam invisíveis, não permanecerão sem punição, se não crerem no sangue de Jesus-Cristo. Ninguém deve orgulhar-se de sua posição ou do posto que ocupa".

Uma interpolação em tais cartas, talvez feita pelo próprio autor, traz na passagem acima citada a paráfrase seguinte, ainda mais frisante: "Quer seja este um rei ou um sacrificante, quer príncipe ou particular, senhor ou escravo, é em vão que ele se apoiará em sua classe, na sua dignidade ou nas suas riquezas".

Tais revelações trouxeram aos estudiosos a conclusão de que muitos dos docetas ocupavam altos postos na Igreja e no Governo.

Beausobre, conceituado teólogo protestante, autor de várias obras de crítica religiosa, em sua "Histoire Critique de Manichée et du Manichéisme", muito falou sobre o Docetismo, sistema por ele considerado interessante a prol do melhor entendimento da religião cristã, tornando-a mais plausível. Conta-nos então este autor que, segundo os docetas, Jesus não tinha abandonado aos seus algozes senão um "fantasma" que se lhe assemelhava.

Se bem que não davam muito crédito ao Velho Testamento, em todas as suas partes, serviam-se, nas suas discussões sobre o corpo

aparente de Jesus, das aparições de Jeová ou de anjos a Abraão, a Moisés e a tantos outros profetas. Constantemente alegavam que Jeová havia aparecido a Abraão sob a forma humana na planície de Mamre, tendo o Senhor concordado em receber alimento, comendo e bebendo, em aparência pelo menos, o bezerro, o pão e o leite que Abraão lhe preparara (Gen., 18:1 a 8). Seguem-se, ainda, a convivência dos dois anjos com Lot, na casa deste (Gen., 19:1 a 22) e muitos outros fatos semelhantes. Apoiavam-se os docetas igualmente em o Novo Testamento, citando diversas passagens dos Evangelhos e das Epístolas de Paulo.

Raciocinavam dizendo que um corpo humano é sempre visível, sempre palpável e com um peso proporcional à quantidade de matéria que o compõe; que ele não pode penetrar através de outros corpos, nem ser penetrado. Ora, acrescentavam eles, o corpo de Jesus não possuiu nenhuma dessas propriedades. Não era visível senão pela vontade do próprio Jesus, e não por natureza; por isso é que ele passou despercebido através de uma multidão furiosa que, levando-o ao cume de um monte, resolvera precipitá-lo dali (Luc., 4:28 a 30); ainda devido à sua constituição especial é que ele desapareceu repentinamente diante dos olhos dos dois discípulos que o reconheceram em Emaús (Lu-

cas, 24:30 e 31), o mesmo sucedendo em outras ocasiões.

Ora, semelhante raciocínio, para ambos os casos citados, mostra-se-nos inteiramente confirmável pela Doutrina Espírita, raciocínio que o Codificador, apoiado nos fatos, externou em "Obras Póstumas", ao dizer que "o Espírito pode adquirir tangibilidade real, deixando-se, então, tocar, apalpar, oferecendo a mesma resistência e o mesmo calor, qual se fora um corpo vivo, mas isto não o priva de desfazer-se com a rapidez do relâmpago".

Diziam ainda os docetas: Jesus não possuía um corpo inerente à matéria, pois que andou sobre as águas do mar da Galileia sem se afundar (Mat., 14:25 e 26); não tinha solidez permanente, pois penetrou, estando as portas fechadas, na casa onde os discípulos se reuniram por duas vezes (João, 20:19 e 26).

E' preciso considerar esses argumentos em conjunto, e não insuladamente, pois desta forma poderiam conduzir a raciocínio diverso e parcial.

"Notamos, disse Beausobre, que os antigos heréticos defendiam sua doutrina pelos mesmos testemunhos da Escritura e pelas mesmas razões de que se serviu a Igreja Católica, nos séculos posteriores, para defender a presença real do corpo de Jesus-Cristo na eucaristia".

Acompanhemos o raciocínio desse teólogo:
— Se nos primeiros séculos os cristãos houvessem admitido o dogma da presença real, os docetas disso se aproveitariam, retirando uma objeção invencível e certamente diriam aos seus adversários: "Tudo o que subsiste, sem nenhuma propriedade do corpo humano, não pode ser corpo humano; ora, vós afiançais que o corpo de Jesus está na eucaristia, sem nenhuma das propriedades do corpo humano; por conseguinte não é ele mais um corpo humano".

Sustentavam os docetas — repetimos — que Jesus pareceu possuir um corpo humano igual aos nossos, se bem que, na verdade, de forma alguma o possuisse. Comentando, prossegue Beausobre: "Ora, sob que direito e sob qual pretexto os Padres, admitindo a presença real do corpo de Jesus na eucaristia, teriam podido rejeitar aquele milagre semelhante que continuava a perpetuar-se na Igreja, do qual a prova e o exemplo a todo momento se apresentavam aos olhos dos fiéis? Que absurdo aí havia em dizer que o Senhor, durante o curso do seu ministério, parecia ser aquilo que não era, ele que, após a sua ascensão ao céu, não cessou de aparecer?"

"Como na eucaristia o corpo de Jesus tem todas as aparências do vinho e do pão, sem ser nem um nem outro, do mesmo modo o corpo aéreo teria todas as aparências de realidade

carnal, ainda que se constituísse de uma substância puramente espiritual".

Bergier, convededor profundo de Teologia dogmática, refutando tais comparações, diz que, certamente, os Padres assim teriam respondido: "Tudo que subsiste, sem nenhuma propriedade sensível ou insensível do corpo humano, já não é corpo humano. Ora, o corpo de Jesus, na eucaristia, privado das propriedades sensíveis, conserva, contudo, as propriedades insensíveis: logo é um corpo humano, senão no seu estado natural, pelo menos num estado sobrenatural e miraculoso".

Vemos que essa resposta de Bergier em si mesma nada diz ou prova. Partindo de premissas inconsequentes, senão dogmáticas, conclui nesta base, de maneira desarrazoada e pueril.

Comentando ainda o assunto em foco, Bergier declara que se o dogma da presença real de Jesus na eucaristia é aceito, ao passo que é rejeitada a opinião dos docetas, isso não o é por considerar-se uma destas questões menos absurda ou menos impossível a Deus que a outra! Assim se acredita, prossegue o explanador, por dois motivos: 1.º) "A presença real é formalmente ensinada na Escritura Santa, ao passo que, contrariamente, a opinião dos docetas é ali formalmente reprovada"; 2.º) "O dogma da presença real de maneira alguma conduz às consequências falsas e ímpias que se seguiriam à

opinião dos docetas, isto é, a do corpo aparente e fantástico do Cristo".

A primeira razão derivou e continua derivando da interpretação literal dos textos escripturísticos que se referem a tais pontos. Apesar da recomendação de Paulo de tudo examinarmos à luz do espírito, os homens prosseguimos na mesma rota de adaptação, ao nosso eu material, das coisas do espírito.

A segunda digressão, imediatamente verificamo-la não ser verdadeira, pelo menos atualmente em que a obra de Roustaing, impregnada daquelas ideais docetistas, cada vez mais eleva o nome do Senhor, criando em nós uma admiração e um respeito bem mais profundos pelo filho de Maria.

O distinto eclesiástico cita os testemunhos epistolares de Santo Inácio e de S. Policarpo que estabelecem ser verdade o "mistério" da encarnação, a realidade da carne e do sangue de Jesus, servindo-se também do 1.º versículo da 1.ª Epist. de João — versículo que em nada desaprova o corpo fluídico do Mestre, pois os próprios docetas não negavam terem os apóstolos visto, ouvido e tocado o Senhor, seja antes, seja após a ressurreição; ressalvavam apenas que, aos sentidos deles, era dada a ilusão de carne real.

Santo Irineu, bispo de Lião, discípulo de São Policarpo, combateu o Docetismo no seu

"Tratado contra as heresias", servindo-se, porém, dos mesmos fracos e parcós argumentos de que os demais Padres se utilizaram. Deste modo, refere-se à genealogia de Jesus por Mateus e Lucas, esquecendo-se o replicador das palavras textuais do próprio Mestre, contrárias a tal genealogia, constantes em Mat., 22:41 a 45 e João, 1:1 a 18, bem como as de Paulo na Epist. aos Hebreus, 10:5.

"Se Jesus não fôsse semelhante aos homens (exceção feita do pecado!) — continua Santo Irineu — não poderia ser chamado homem, nem Filho do homem; viria apenas para nos iludir, inútilmente pois, se sómente tivesse tomado no exterior todos os sinais e caracteres da natureza humana; se realmente não houvesse sofrido, não nos teria remido. Indigno do título de Salvador da Humanidade, seria simplesmente um impostor, e não aquele predito pelos Profetas. Ainda mais, a ressurreição da nossa carne tornar-se-ia impossível, e não receberíamos, na eucaristia, a sua carne e o seu sangue, etc..."

O inteligente leitor poderá verificar, por si mesmo, a mediocridade desses argumentos. De-sejamos fazer referência à questão do "Filho do homem", que melhor poderá ser compreendida em Daniel, 7:13. Além disso, a expressão *homem* bem pode supor a ideia da humanidade em geral, compreendendo todos os seres da espécie humana, significação que já era citada pelo no-

tável jurisconsulto romano, Gaio, que viveu no século II. Ainda poderíamos acrescentar o significado dado pelos antigos egípcios, relativo ao grau de saber. Doutro lado, não se refere o "homem" a José, pois Jesus nascera do Espírito-Santo.

Prendendo-se, frequentemente, à imprescindível necessidade do sofrimento material, carnal, de Jesus, os contraditores dos docetas esqueciam-se do inenarrável sofrimento moral ou espiritual do Mestre. Ainda mesmo que o Cristo nada sofresse dos homens, bastaria, para nos remirmos, a sua vinda ao abismo escuro da minúscula Terra, com todas as angústias que essa vinda lhe deveria acarretar ao espírito, a fim de trazer-nos a sua palavra iluminada.

Atualmente, os espíritas, estudantes da Terceira Revelação, aceitamos, por bem provável, o sofrimento material de Jesus, visto que este, possuindo um envoltório fluídico condensado (se assim nos permitem exprimir), e portanto matéria em si, se tornava, por conseguinte, susceptível aos choques da matéria.

E' bom não esquecermos de que tal matéria condensada é tão sensível, que, ao ser tocado um Espírito materializado, sem a permissão deste, nas sessões de experimentação, comumente a ação se reflete dele para o médium, que a sofre intensamente; assim, pois, podemos

asseverar que tal matéria é sensível, sensibilíssima mesmo.

Ao contrário dessas materializações "artificiais", de laboratório, em geral imperfeitas e difílcultosas, cumpre refletir atentamente sobre as aparições espontâneas, perfeitíssimas, quase diríamos carnais, distintas mesmo daquelas outras, e em tudo nenhuma relação parecem mostrar com determinado ou determinados médiuns, antes nos deixam supor a completa independência de sua formação, inclinando-nos a admitir que elas, as aparições, apenas se utilizaram dos recursos extraídos da Natureza.

Nestes últimos "fantasmas", a que chamamos "agêneres", é admissível que os choques materiais, por eles recebidos, não se reflitam no exterior, qual se verifica com os Espíritos materializados em nossas sessões que, sob sua própria permissão, se deixam tocar pelos circunstantes vivos, sem isso trazer qualquer perturbação ao médium. Assim, se o Espírito materializado pode conservar em si mesmo a ação do choque, é admissível e lógico que o agênero igualmente poderá sentir o choque, sem o transmitir. Dessa forma, não vemos por onde negar *a priori* que os seres fluídicos (agêneres) são insensíveis à dor.

Em vários dos chamados "livros apócrifos", encontram-se ideias docetistas. Antes de

mencioná-los, vejamos a significação precisa da denominação que lhes foi dada.

O Protestantismo considerava apócrifos os chamados deuterocanônicos do Catolicismo. Os católicos reservam o nome — apócrifos — aos escritos que a Igreja rejeita do cânon ou catálogo público das Escrituras, por neles se encontrarem “coisas corrompidas” e contrárias à verdadeira fé (católica, é claro!). Existem, ainda, os apócrifos cujo motivo de exclusão do cânon é desconhecido. Tais livros, dizem mais, dados por seu título, ou teor, como obra de autores inspirados, não podem ser justificados neste sentido, ainda que sejam admitidos como inspirados por algumas Igrejas particulares ou por heterodoxos. A bem dizer, nem todas essas obras foram impugnadas por alguns dos venerandos Padres e Doutores da Igreja, que as consideravam ligadas à inspiração divina.

Comentando esses apócrifos, disse Orígenes: “De modo geral, não devemos rejeitar em bloco tais obras das quais podemos extrair alguma utilidade para esclarecimento de nossas Escrituras. Demonstra tal proceder a ausência de um espírito sábio em compreender e aplicar o preceito divino: Provai tudo e retende o que é bom”.

Foi num concílio realizado no século V, em Roma, que parece ter sido decretado, pela primeira vez, sob o papado de S. Gelásio I, um

catálogo de livros canônicos, cuja compilação definitiva crê-se ter sido terminada no começo do século VI. Esse papa, já possuído da “heresia da dominação”, na expressão de Arnaud, perseguiu os maniqueus na cidade de Roma, expulsando-os e queimando seus livros.

Os deuterocanônicos, obras que por muitos séculos foram postas em dúvida quanto à sua autenticidade, surgindo mesmo discussões entre os Teólogos e entre os Padres da Igreja, receberam mais tarde a sua inclusão no cânon, por conseguinte após as obras já nele existentes, e daí a origem de sua denominação de deuterocanônicos. Entre muitas delas, temos as seguintes: o livro de Tobias; o de Judite; o Eclesiastes; as Epístolas de Pedro; a Epist. aos Hebreus; a 2.^a Epist. de João; o Apocalipse de João, etc.

Antes dessa época, os Evangelhos e os Atos apócrifos eram largamente espalhados e consultados entre os cristãos.

Na Epístola de Barnabé (apócrifa), obra considerada autêntica por Orígenes e S. Clemente de Alexandria, no versículo 12, há: “O Senhor diz que a influência da carne dele é deles”. Parece aí haver uma ideia docética, como pensa Harnack, se bem que outros não aceitem o mesmo.

Serapião de Antioquia proibiu a leitura do Evangelho de Pedro, na suspeita de nele haver

corruptelas por parte dos docetas, talvez por conter o versículo 10 uma referência a Jesus, na cruz, nos seguintes termos: "Mas ele permaneceu mudo, como alguém que não sente dor alguma".

Exceto os Atos de Paulo, todos os demais Atos apócrifos — dizem os ortodoxos — encerram mais ou menos ideias docetistas. Alguns desses foram reunidos numa coleção, na segunda metade do século II, por Leucius Charinus que, segundo Santo Epifânio, bispo de Constância, fora um discípulo de João, o Evangelista, e tal coleção foi ainda assinalada pelo bispo de Astorga, no século IV.

Nos *Atos de João* conta-se que, na Última Ceia, João, o apóstolo, encostando-se ao peito do Cristo, sentiu-o não resistente; ao ser sepultado, o corpo de Jesus estava por algum momento aparentemente sólido, e logo em seguida ele se tornou "imaterial e incorpóreo como se nada fôsse". Ainda os mesmos Atos dizem que a Crucificação foi sómente em aparência, e que o Cristo apareceu a João no Monte das Oliveiras e lhe explicou o fato.

Os *Atos de Pedro* relatam que Deus enviou seu Filho "através da virgem Maria". Considerando aparente a Paixão diz que "o sofrimento que se manifestou na Paixão do Cristo foi totalmente diferente do que em geral se supõe".

Os *Atos de André* relatam que Jesus é "imaterial, puro, imponderável, etc..."

Nos *Atos de Tomé*, frequentemente é evidenciada a antítese entre matéria e espírito, de sorte que a expressão neles existente — "Jesus é espírito" — parece conter uma ideia de fundo docética. S. Cirilo de Jerusalém, referindo-se ao termo *espírito*, diz que, de um modo geral, assim se denominava todo aquele que não possuía um corpo pesado e denso.

Um ilustre sacerdote de Letchworth (Inglaterra), estudioso de tal assunto, observa que, fora esses pontos, de resto todas essas obras apócrifas falam de Jesus muito semelhantemente aos livros canônicos, convindo, entretanto, *frisa ele*, "sejam lidas sómente nos círculos ortodoxos, não devendo parar em outras mãos, por causa de sua tendência herética".

O nome geral de docetas foi dado a representantes de várias seitas, aos discípulos de Simão, de Menandro, de Saturnino, de Basílide, de Valentim, de Dositeo (discípulo de João, o Evangelista), etc., visto que todos eles concordavam na mesma ideia a respeito do corpo de Jesus, ainda que estivessem divididos sobre vários pontos de doutrina.

Basílide, morto no ano 130, redigiu um comentário sobre o Evangelho, primeira obra dessa classe de que se tem conhecimento. Esposava ele ideias interessantes com relação ao porquê

do sofrimento da humanidade terrena. Dizia, então, que o homem sofre neste mundo porque sua alma pecou em vida anterior à sua atual união com o corpo, sendo essa união um estado de expiação de que ela sómente sairia depois de se haver purificado em passando sucessivamente de corpo em corpo, até o cumprimento da justiça divina, que não dava outros castigos, mas que contudo não perdoava senão as faltas involuntárias. Era esta ideia reencarnacionista, clara, consoladora, que, anexada à teoria do corpo "aparente" de Jesus, recebia igualmente a pecha de heresia.

Simão, o Mago, que se acredita ter sido aquele citado nos Atos dos Apóstolos, disse que Jesus viera entre os homens como um homem, embora ele não fôsse de forma alguma um homem.

No século II, Valentim, Bardesana, Apeles, Marinus e outros admitiam o corpo do Cristo, embora fôsse um corpo espiritualizado, depurado, e que sómente passou através de sua mãe, mas não foi formado por ela.

Valentim ensinava que Jesus possuía um corpo "psíquico", especial, não sujeito à destruição e às leis normais da matéria. Nasceu de Maria, passando através dela, que permaneceu virgem, como a água passa através de um conduto, sem nada receber ou modificar, visto já possuir um corpo "lá em cima". Va-

lentim afirmava ter recebido esta doutrina de um discípulo de Paulo.

Heracleon, discípulo de Valentim, escreveu comentários sobre os Evangelhos de Lucas e de João. O comentário a respeito deste último era bem conhecido de Orígenes que, se bem não concordasse inteiramente com a exegese de Heracleon, a considerava, pelo menos, com respeito.

Bardesana, tido pelos Padres de sua época como homem cheio de talentos e virtudes, negava a ressurreição carnal. Reconhecia a imortalidade da alma, a onipotência e providência de Deus e dizia que Jesus tivera um corpo espiritual. Parece haver crido na existência de satanás ou do demônio, que não era, porém, criatura de Deus, e nem administrava parte alguma do mundo. Buscava Bardesana essa saída para poder explicar a origem do mal, que de Deus não poderia resultar. Para ele, o mundo e o homem foram criados por Deus, mas o homem, no princípio, não era um ser revestido de carne e, sim, uma alma unida a um corpo sutil e conforme à sua natureza. Essa era, pois, a alma que fora formada à imagem de Deus e que, enganada pelas astúcias do demônio, havia transgredido as leis do mesmo Deus, o que obrigara o Criador a expulsá-la do paraíso e a ligá-la a um corpo carnal, uma espécie de prisão, que Bardesana dizia serem as túnicas

de pele com que Deus havia coberto Adão e Eva, depois do pecado.

Malgrado estas ideias estarem eivadas dos sentimentos e da compreensão vigentes naquela época, são elas merecedoras de acatamento.

Judiciosamente, em conclusão à doutrina esposada, Bardesana diz que a união a um corpo carnal é, pois, consequência do mesmo pecado e, em vista disso, Jesus, espírito puro, imaculado, não poderia ter tomado um corpo carnal. Igualmente, prosseguia ele, devido ao mesmo princípio, não ressuscitaremos com o mesmo corpo que temos sobre a Terra, mas, sim, com um corpo sutil e celeste, que deve ser a habitação normal duma alma pura e inocente.

Harmonius, filho de Bardesana, mais claramente que o pai afirmou a reencarnação. Marinus prosseguiu com o ensino dessas doutrinas.

Segundo Apeles, Jesus realmente não nasceu da Virgem Maria; todavia, não se manifestou sem um corpo real. Dizia, então, que Jesus, servindo-se do material das estrelas e "das mais altas" substâncias da Natureza, compôs um corpo e nele habitou durante todo o tempo que passou neste mundo. Ressurgido depois de três dias, mostrou aos discípulos as marcas das mãos e o lado, a fim de convencê-los de que era ele mesmo em pessoa, em carne e osso, e não um fantasma — prossegue Apeles, argumentando. Após aparecer, durante quarenta dias,

com essa carne, o Cristo, tendo rompido o laço que o prendia a semelhante corpo, restituui a cada um dos elementos aquilo que lhes pertencia, retirando-se em seguida para o Pai. Assim fazendo, ele não quis conservar nada de estranho, pois apenas se servira daquela carne, momentaneamente, enquanto dela tinha necessidade.

Em verdade, Apeles teve razão ao considerar o corpo de Jesus uma verdadeira carne e esta é a mesma impressão que temos com os Espíritos materializados que se nos apresentam perfeita e legitimamente "carnais".

Marinus e outros, seguindo a Bardesana, diziam que o Cristo possuía um corpo "celeste", "astral", não tendo, pois, nascido de mulher.

O docetismo radical, de que nos fala o teólogo protestante Harnack, negava toda a realidade do corpo de Jesus; este não nascera absolutamente em nenhum sentido, e durante toda a sua vida humana foi um perfeito fantasma.

Embora Saturnino e Cердо, os mais radicais, tenham aventado essas ideias, estas, bem analisadas, tinham razão de ser, pois Jesus não passara pelo nascimento normal na Terra e o seu corpo participara dos caracteres de um "corpo fantasma".

Saturnino, gnóstico do século I, dizia, segundo Santo Irineu, que o Salvador não foi nascido, foi incorpóreo, sem matéria real, *sine figura*, assemelhando-se a um homem aos olhos da Humanidade.

Antes de continuarmos, devemos lembrar aos leitores que a maior parte das questões em estudo não provêm dos escritos dos docetas, escritos que, embora produzidos, ou se perderam ou sofreram a destruição. Quase tudo o que relatamos nos foi legado por alguns dos primeiros Pais da Igreja (Inácio, Irineu, Tertuliano, Hipólito, Epifânio, etc.) que se insurgiram contra tais ideias e, assim, é bem provável que eles tenham, consciente ou inconscientemente, deturpado algumas vezes o sentido oculto do pensamento dos docetas.

Cerdo ou Cerdon explicava que o "Cristo, o Filho do Deus Altíssimo, manifestou-se sem nascer de Maria, ou seja, sem nenhum nascimento na Terra à semelhança dos homens".

Para Marcion, zeloso cristão, Jesus não fora, de maneira alguma, um homem, pois não tinha um corpo real; apareceu, ao contrário, "sob a semelhança de um homem" (Filip., 2:7). E diz ainda: "O Cristo pareceu sofrer e ser sepultado". Há também referências sobre Marcion em que este se baseia em Mateus, 12:48, na Epist. aos Romanos, 8:3, além de outras passagens, em apoio do Docetismo.

Contra Marcion escreveu Tertuliano, para provar que o Cristo não teve um "corpo fantástico", embora este Padre acreditasse que os anjos possuem um corpo que lhes é próprio, passível de se transfigurar em carne humana, tornando-se, por algum tempo, perceptíveis aos homens, e com estes podendo manter relações visíveis.

Ptolomeu, gnóstico cristão da escola de Valentim, de meados do século II, foi dos que mais circunscreveram as ideias docetistas. Dizia que o Cristo fora de fato um homem real, porém a sua substância ou natureza era apenas composta dos elementos psíquico e pneumático, isto é, do perispírito e do espírito propriamente dito, como hoje diríamos.

O elemento psíquico, mesmo entre os filósofos não materialistas, tinha o sentido de um elemento de natureza física ou animal, formando como que o intermediário entre o espírito e o corpo, e constituía o princípio imediato da vida. O pneuma constituía o sopro imortal, o princípio espiritual da vida espiritual ou intelectiva.

Ptolomeu dizia que a natureza psíquica de Jesus permitiu-lhe sofrer e sentir dor, ainda que nada possuisse de grosseiramente material.

Abstinham-se os docetas da eucaristia, visto que não reconheciam representar a carne e o sangue de Jesus.

Os ofitas continuaram com as mesmas ideias que, no século VI, foram retomadas por alguns eutiquianos e monofisitas.

O monofisismo surgiu em princípios do século III, amoldando-se às ideias apolinaristas (das quais trataremos mais adiante). No século VI sofreram os seus adeptos as mais cruéis perseguições, sendo forçados a emigrar para o Egito. Nessa época o monofisismo se dividiu em duas seitas, pois Juliano, bispo de Halicarnasso, discordando quanto à natureza do corpo de Jesus, afirmava, então, que era fazer injúria à sua divindade supor que o Verbo se unira a uma carne terrestre e corruptível como aquela dos homens "animalizados" e "mal-cheirosos". O Cristo, em sua passagem pela Terra, tivera o seu corpo sempre incorruptível, como aquele de Adão antes da queda e igual àquele que os outros o crêem ter tomado após a ressurreição; foi sempre isento da corrupção e das enfermidades, bem como da punição do pecado. Completando os seus pensamentos, Juliano diz que se o Cristo sofreu o fêz voluntariamente para salvar os homens, mas não *por efeito de sua natureza*.

Os que professavam esta doutrina foram chamados aftartodocetas, em contraposição com os *corruptícolas*. Procedendo do Egito, os *incorruptícolas* se espalharam por várias regiões, tendo sido dominantes na Armênia.

O Maniqueísmo, que contém ideias docéticas, surgido no século III, sofreu muitas perseguições, conseguindo contudo espalhar-se pelo Oriente e pelo Ocidente, declinando sómente no século XII, devido à violenta oposição da Igreja.

Os maniqueus criam na reencarnação, por julgarem-na indispensável ao progresso do espírito humano, visto que, alegavam eles, não é possível que todas as almas adquiram perfeita pureza no decurso de uma única vida mortal.

As almas que persistem no pecado, após certo número de *revoluções*, são então entregues aos demônios do ar, para serem alimentadas e domadas. Depois dessa dolorosa penitência, voltam as almas a outros corpos, como que para novas escolas, até que, tendo adquirido o grau de purificação suficiente, se transportam, atravessando a região da matéria, ao lugar a que os maniqueus denominam "coluna da glória". O Espírito-Santo, que está no ar, assiste continuamente as almas, espalhando sobre elas suas preciosas influências.

O maniqueísta Fausto, entre outros, descreve o corpo do Mestre como não sendo humano, mas, sim, formado de elementos celestiais.

No século XII floresceu na França meridional a seita neo-maniqueana dos albigenenses. Admitindo, como os cátaros, os princípios antagônicos — o mau e o bom — diziam que

Jesus não podia tomar um corpo genuinamente humano, porque viria debaixo do controle do princípio mau. Por conseguinte, seu corpo era de natureza celestial e com ele penetrou a pessoa de Maria; nasceu dela e sofreu, apenas aparentemente.

Entendiam ainda que a redenção do Mestre não foi "operativa", mas únicamente instrutiva.

Inúmeros concílios católicos foram realizados com o fim de dar combate à doutrina dos albigenses, a qual, todavia, se propagava cada vez mais rapidamente. A convite do papa, organizaram-se cruzadas militares sob os auspícios de alguns países, as quais desbarataram os albigenses, cometendo as maiores atrocidades. A Inquisição, instituída para esse fim, prosseguiu no bárbaro trabalho de limpeza, e conseguiu, no começo do século XIV, o quase total desaparecimento dessa seita.

Além de outras diversas seitas que encerravam ideias docéticas, alguns anabatistas foram docetas; Maomet, no Alcorão, veladamente parece referir-se ao corpo de Jesus e chega a dizer que "Jesus, o filho de Maria, o Verbo e o Apóstolo de Deus não foi crucificado senão em aparência"; e o próprio Budismo, numa de suas seitas, apresentou, com relação a Buda, tendência docética.

Só agora escreveremos sobre Apolinário, visto que, ao que nos parece, suas ideias não

interessam ao estudo a que nos propomos, como veremos.

Alguns autores, ao tratarem do corpo de Jesus, se referiram às concepções apolinaristas no que estas dizem ter sido impassível o corpo do Cristo, e que descera do céu ao seio da Virgem, mas que não nascera dela.

Desejando comprovar a veracidade de tais afirmações, encontramo-las, de fato, no Grande Dicionário Universal do Século XIX, de Larousse, e em alguns outros dicionários talvez calcados nessa obra, que, sucintamente, sem trazer qualquer relação bibliográfica, nos pareceu ser a de que aqueles autores se serviram.

Entretanto, estudando a vida e a obra de Apolinário em outras Encyclopédias, teológicas ou não, que profusamente se referiram a esse bispo, citando a redação dos anátemas proferidos contra a sua doutrina, e com a apresentação final de extensa bibliografia, é desconcertante dizer nada havermos encontrado a respeito daquelas questões inseridas no "Larousse". Infelizmente, por não possuirmos os livros indicados nas bibliografias como referentes a Apolinário, não pudemos verificar a veracidade ou não da exposição oferecida pelo Grande Larousse. Esperamos, todavia, que outro estudioso mais paciente e dedicado esclareça essa dúvida.

Apresentamos, pois, a síntese do estudo que levamos a efeito:

Apolinário (o jovem), bispo de Laodiceia, nascido talvez a 300 e falecido em 390 ou 392, era filho de Apolinário (o antigo), com quem trabalhou na adaptação da Bíblia à literatura profana. Foi mestre de S. Jerônimo, que se julgou diante dele, assim como de Orígenes e outros Padres, “imperitíssimo comparado com eles”. Diz o autor da Vulgata que Apolinário escreveu inúmeros volumes sobre a Sagrada Escritura e que os trinta livros contra Porfírio foram muito admirados.

Apresentou ele refutações ao Arianismo e ao Maniqueísmo, escreveu algumas obras em verso e fala-se de uma versão poética da Bíblia, produzida, parece, sómente por ele, sem o auxílio do pai, como pensam alguns autores.

Sócrates, o Escolástico, referindo-se a ele, disse: “foi um sábio em ciência”. S. Basílio diz que “devido ter ele grande facilidade em escrever, sobre qualquer assunto, conseguiu encher o mundo com seus livros”.

Acredita-se ter sido 360 o ano em que Apolinário iniciou o ensino de uma nova concepção a respeito da natureza do Cristo. Sofrendo a oposição da Igreja, desta por fim se separou, surgindo assim a seita dos apolinaristas.

Mesmo depois de seu afastamento dos Pais ortodoxos, estes continuaram a tratá-lo com respeito e até com certa afeição.

Santo Epifânio conta que ele próprio, bem como Santo Atanásio e “todos os católicos” muito amaram o “ilustre e venerável ancião Apolinário de Laodiceia” e que, ao ouvirem falar de sua heresia, não puderam acreditar que tão grande homem houvesse caído em semelhante erro.

O Sínodo de Alexandria (362) parece ter conhecimento das ideias de Apolinário, rejeitando-as, não mencionando, porém, o nome do autor. No Sínodo romano (374) foi Apolinário julgado herético e condenado, não sendo, contudo, nominalmente incluído nos cânones. Outras reuniões eclesiásticas condenaram a doutrina apolinarista. O Sínodo de Antioquia (378) lança o anátema contra aqueles “que dizem que o Verbo de Deus habitou na carne humana, em substituição à alma racional e inteligente”. O papa Dâmaso, no Concílio de Roma (380), lança idêntico anátema. O primeiro cânon do Concílio ecumênico de Constantinopla (381) regista também a condenação.

Serviu-se Apolinário, para sua concepção, dos três elementos componentes da natureza humana, segundo a Escola neo-platônica, a saber: o *corpo*; a *alma* (“*anima animans*”), princípio que atua e *informa* o corpo, sendo comum

aos homens e aos animais, tornando-os em seres vivos; e a mente ou *espírito*, agente do pensamento, da razão, da consciência, da vontade livre, em síntese: a essência da personalidade humana. Em apoio dessa divisão, citava passagens das Escrituras, como por exemplo a "Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 5:23 — "e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados completos, irrepreensíveis". Desses três elementos, o corpo e a alma formavam o ser "natural" (a máquina, teria dito Platão) controlado e guiado pela razão ou espírito. Mas — comentava Apolinário — o espírito no homem é transformável, fátil, cheio de pecados inerentes à natureza humana e por isso não deve tomar lugar no Cristo, o que tiraria o valor à Redenção.

Raciocinando ontológica e psicológicamente, Apolinário criou, então, a doutrina que admitia na pessoa do Cristo o corpo humano e a alma, mas não a mente racional humana. Esta é o Logos ou este lhe toma o lugar, tornando-se assim o centro racional ou espiritual.

Atribuiu-se a Apolinário o haver sustentado que a divindade (Logos) sofrera, morreria, etc.; porém, isto são mais consequências tiradas dos princípios de Apolinário que propriamente opiniões do bispo, comentam estudiosos católicos.

Baseando-se em algumas passagens do Novo Testamento, para Apolinário Jesus foi realmente um ser de natureza humana, por possuir alma e corpo, embora controlado e guiado pelo *Espírito divino* que lhe constituía a natureza divina. O Cristo não foi, pois, um Homem-Deus e sim um ser partilhando do homem e de Deus; nem inteiramente homem, nem inteiramente deus.

Os Padres ortodoxos contemporâneos, rejeitando a teoria de Apolinário, não estão muito interessados, declara um escritor eclesiástico, sobre a verdade ou a inverdade contida na exposição de que a natureza humana consiste de três elementos, questão que foi levantada na Idade Média, e que tem suscitado veementes discussões entre os teólogos. Os primeiros contraditores do Apolinarismo escandalizaram-se principalmente com a asserção de que ao Cristo faltou um elemento de completa natureza humana.

Diante de toda essa análise, podemos concluir que Apolinário foi um trabalhador cristão, admirado por seus contemporâneos, e que a sua doutrina, nada tendo a ver com a do corpo fluídico de Jesus, foi fruto natural da época, quando diferentes ideias surgiam no afã de explicar a tese católica da união divina à humana.

Dissemos acima que Apolinário combateu o Arianismo, doutrina do presbítero Ário, apre-

sentada no princípio do século IV, contrária à da S.S. Trindade, e que chegou a abalar os alicerces do Catolicismo dominante, que desapareceria se não fôssem as lutas e perseguições violentíssimas movidas contra os sectários da doutrina mencionada. Baseado nos Evangelhos, Ário dizia que, se o Filho está subordinado ao Pai, não é, pois, absolutamente Deus; não é consubstancial com o Pai, portanto não coeterno com Este, não O igualando em dignidade e poder. Logo, Jesus não é eterno e sim, concluía Ário, uma criatura gerada antes da criação do mundo por ato da vontade de Deus, e deste não tem a mesma essência ou natureza, apesar de ser a criatura tipo, a mais perfeita. Esta perfeição é tal — considerava Ário — que para os terrestres Jesus poderia ser mesmo um Deus. A doutrina arianista reapareceu, sob outros nomes, nos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como, em parte, qual a do Docetismo, foi revelada, revivescida, pelos Espíritos que nos trouxeram a Terceira Revelação.

Com a ânsia espontânea e nobre de esclarecer a Humanidade, aqueles homens foram incomprendidos e passaram a sofrer as perseguições dos que se sentiam com o privilégio da iluminação de Mais Alto. Que esses exemplos de incompreensão cristã, do passado, não revivesçam, perturbando a marcha evolutiva do pensamento humano. Os homens de responsa-

bilidade doutrinária deverão reconhecer a necessidade de nos respeitarmos uns aos outros, lembrando-nos de que o livre arbítrio, ou melhor, a liberdade de crença é uma das maiores, senão a maior conquista do século, por permitir a cada um procurar as luzes que o auxiliem a vencer a jornada terrena e satisfaçam à inteligência e raciocínio próprios.

O professor de Escritura Sagrada, Arendzen, de uma das Universidades inglesas, num estudo do Docetismo, anota um renascimento de ideias docéticas em círculos espiritistas, embora — diz ele — menos fantásticas e extravagantes que as do passado. Sim, confirmamos nós outros, a obra de Roustaing ressuscitou o pensamento fundamental do Docetismo — o corpo fluídico de Jesus. Cumpriu, destarte, o Paraclete uma das facetas do seu infindo programa esclarecedor, e, realmente, sem qualquer extravagância.

Ao deliberar a confecção deste trabalho, assaltou-nos apenas o desejo de trazer uma explanação menos imperfeita das ideias que se prendem ao Docetismo, visto que este termo é encontrado em importantes obras espirítas e comumente é referido nas conversações entre espiritistas.

Trabalho sem valor, já o sabemos; todavia esperamos que outros, mais cultos e dispondo de obras cuja raridade não nos ensejou um estu-

do mais profundo, possam melhor desenvolver o assunto, trazendo-nos as luzes a que todos aspiramos.

BIBLIOGRAFIA

- Grand Dictionnaire Universel du XIX.e Siècle* — M. Pierre Larousse.
La Grande Encyclopédie.
The Catholic Encyclopedia — Various editors.
Encyclopedia of Religion and Ethics — Edited by James Hastings.
Encyclopédie Théologique — Publié par M. L'Abbé Migne.
Enciclopédia Universal Ilustrada.
Dictionnaire de Théologie Catholique — G. Bareille.
Philosophumena ou Réfutation de toutes les hérésies — Hippolyte de Rome.
Dicionário Universal das Heresias, Erros e Cismas — Antônio Gomes Pereira.
El Legado de Egipto — Publicação da Universidade de Oxford.

FIM

MÍNIMUS

SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO

Livro útil a todo aquele que deseja conhecer e estudar a exegese bíblica, sem grande esforço e fadiga mental, porque feito de acordo com o ritmo moderno, em que tudo se resume, tudo se restringe, tudo se consubstancia em síntese. Não mais sendo possível, no atropelo vertiginoso dos dias presentes, senão a pequeno número de pessoas, o manuseio de livros volumosos, compostos em caracteres semi-microscópicos, não há negar que *Síntese de "O Novo Testamento"* veio preencher uma necessidade da época, de há muito reclamada por todos aqueles que se interessam pelos estudos evangélicos, mas que lutam com exiguidade de tempo.

Brochado	Cr\$ 20,00
Encadernado	Cr\$ 28,00

—o—

CARLOS LOMBA

DIDAQUÊ ESPÍRITA

No começo do segundo século surgiu o primeiro catecismo cristão, sob o nome de *Didaquê*.

Agora, aparece a *Didaquê Espírita*, reunindo num opúsculo, em estilo didático, os ensinamentos cristãos interpretados pelo Consolador.

O livrinho apresenta um curso completo de Espiritismo, de acordo com a capacidade de assimilação das crianças de 6 a 14 anos de idade.

Em suas aulas de *Didaquê*, administradas às crianças, todos os domingos, a Federação Espírita Brasileira adotou esse valioso trabalho.

Br. Cr\$ 8,00; enc.	Cr\$ 16,00
---------------------------	------------